

**PARTICIPAÇÃO E RESISTÊNCIA DA MULHER NO COTIDIANO DA
GUERRA DOS CABANOS: Alagoas - Pernambuco (1832-1850)**

Mestranda: Ismélia da Penha Balduce Tavares
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
E-mail: liatavares32@gmail.com
Bolsista Fapeal/Capes

RESUMO: Este artigo consiste em analisar a partir de fontes documentais e periódicos do século XIX, (particularmente o Diário de Pernambuco), bem como nas fontes historiográficas, a maneira em que a mulher vem sendo representada e quais as formas de participação do gênero feminino na Guerra dos Cabanos (1832 – 1835). O objetivo é investigar e evidenciar o modo que as mulheres teceram, em um cotidiano adverso e de medo, as formas de sobrevivência e de resistência dentro do espaço geográfico da Guerra. A linha teórica e metodológica adotada para este trabalho tem como modelo a história cultural.

Escrito a partir das indagações suscitadas em minha pesquisa de mestrado, que se encontra em andamento, busco valorizar a presença feminina nesse espaço cabano a partir de uma nova representação das imagens já apresentadas por historiadores da Guerra dos Cabanos (1832-1850), e discutir sua efetiva participação, conferindo-lhes um valor que não seja apenas de vitimização. No âmbito da historiografia nacional e regional, a Guerra dos Cabanos é estudada como um grande conflito armado que aconteceu no século XIX, entre os anos de 1832 a 1850. Em seu início foi liderado por senhores de engenho absolutistas restauradores, entre as Províncias de Alagoas e Pernambuco, mas, a partir de novembro de 1832, muda seu curso transformando-se aos poucos em uma revolução social com liderança popular que se estendeu até 1850 (LINDOSO, 2005).

Embora muitos documentos já visitados e narrados por historiadores apontem a presença das mulheres na Guerra dos Cabanos, ainda não há estudos historiográficos específicos que analisam o grau de participação feminina nesse conflito. Elas sempre transitavam em silêncio, imagem quase que oculta, nas narrativas historiográficas, porém, segundo o historiador Dirceu Lindoso (2005), “aumentava assustadoramente o número de pessoas baleadas, principalmente mulheres, que feridas eram arrastadas às prisões” (LINDOSO, 2005, p. 352).

Já Décio Freitas (1978) narra que uma mulher cabana escondida num rancho foi indagada porque o galo de sua propriedade trazia uma trava atravessada no bico, presa por um fio de linha, ela respondeu que era para que ele não cantasse denunciando assim, pelo canto, as tropas e o lugar onde ela e o marido se encontravam (FREITAS, 1978). O historiador descreve alguns elementos culturais a exemplo do modo de vestir das mulheres. Segundo Freitas (1978), “elas usavam saias de chita, cabeção de morim e xale de quadrados vivos”. Freitas ao se referir ao líder popular Vicente Ferreira de Paula diz que ele: “Tinha sempre ao seu lado, às vezes em combate, a companheira Lauriana Maria, conhecida por Lula, mulher bonita e morena” (FREITAS, 1978, p. 107).

De acordo com Dirceu Lindoso (2005), ao se referir a imagem feminina, o historiador salienta que as mulheres além de companheiras, mães, eram também guerrilheiras, ressaltando o papel de Lauriana Maria:

A Lauriana Maria, de codinome Lula, guerrilheira e companheira combatente, que compôs nas matas cabanas a saga de amor e de coragem da mulher pobre do povo, caída prisioneira no combate do reduto de Pacavira (LINDOSO, 2000, p. 6).

As mulheres também figuram no livro *A Guerra dos Cabanos* (2005), de Manoel Correia de Andrade. Na obra do historiador, as mulheres aparecem citadas em fontes documentais de forma tradicional:

20 de dezembro de 1834. Foram prisioneiras seis mulheres, destas mandei vir para o Abreu três com cinco filhos. Carta de Vicente de Paula ao Sr. Capitão Felipe J. da Costa (DE ANDRADE, 2005).

Os documentos citados pelos historiadores apontam frestas de luz sobre a participação feminina, porém ainda são residuais. Para apresentar essas mulheres como sujeito de sua própria história, se faz necessário uma viagem no tempo, buscar nos resquícios e fragmentos encontrados nos manuscritos e na historiografia, suas formas de atuação bem como suas experiências sociais e culturais dentro do espaço cabano. Iniciamos uma reflexão sobre esse passado por uma visão crítica. Para desvendar o universo social e cultural, nos amparamos nos procedimentos metodológicos, nas fontes já citadas na historiografia, nas descobertas de novas fontes manuscritas e periódicas da época.

Tentar esquecer que as mulheres cabanas sofreram todo tipo de violência nesse período da guerra não seria ético, porém não pretendemos figurá-las como vítimas nesse conflito como se não houvesse tido, por parte dessas mulheres, resistência e luta contra todo tipo de violência. Por tanto, se faz necessário inverter esse estereótipo de fragilidade feminina de forma a contribuir para as mudanças na escrita da história e tentar compreendê-las no seu cotidiano, nas suas guerras travadas constantemente pela liberdade e pelo direito a seus roçados. Estamos diante de diversas imagens femininas nas entrelinhas documentais, emprestar voz a esse silêncio, descrevendo o lugar de fala dessas mulheres, seu lugar de ação e de trabalho é o que buscamos. Alçar um voo ao tempo vivido por elas e, a partir dessas imagens dialéticas da escrita e fontes documentais, romper o silêncio para um despertar crítico. Para pensar nas mulheres nesse conflito armado, precisamos dispensar uma grande carga de preconceitos concebidos e encontrados nas fontes ou corremos o risco de naturalizar os discursos oficiais que as descrevem como seres assustados, atocaiados, sem força e sem expressão.

As guerras sociais, como foi a Cabanagem no século XIX entre as Províncias de Alagoas e Pernambuco, classifica-se pela maneira como uma certa realidade vai se revelando, desse modo para desvendar a participação das mulheres, suas táticas e estratégias, nos guiamos pelo percurso investigativo baseado no método da “análise de conteúdo” (BARDIN, 2011) que nos permitiu desvelar as pistas, os vestígios da participação da mulher no cotidiano da guerra, dentro da espacialidade cabana. Destacamos a afinidade existente entre o método da análise de conteúdos e o paradigma indiciário (GINZBURG, 2017), na procura das brechas, das contradições, das falhas, das entrelinhas dos documentos.

Observamos que as representações das mulheres nos escritos dos periódicos avaliados para essa pesquisa, como podemos ver, parecem pouco ameaçadoras:

Os dez cabanos apresentados e as cinquenta e seis pessoas, entre mulheres e meninos, das quais já tem falecido algumas de pura miséria, deixei soltas, e em liberdade de procurarem sua vida, alistando a todas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO 7 e maio de 1834).

Em minha análise dos documentos pesquisados percebemos que a palavra mulher está muito presente. Neste primeiro periódico identificamos um número considerável da palavra mulher e levantamos durante a transcrição palavras e adjetivos atrelados a ela, em torno dos quais o discurso se organiza. Podemos observar uma seletividade no discurso com relação ao gênero feminino de forma a negar sua força de luta e de resistência e, dessa forma, denotar uma suposta fragilidade negando o seu protagonismo.

Podemos perceber nos Relatórios Militares da Guerra que havia uma recusa em apresentar as mulheres como força combatente ou de resistência, reforçando o estereótipo de fragilidade feminina como forma de esconder sua força:

O Capitão Wanderley, disse-me que trouxe essas mulheres que se apresentaram, por que elas utilizavam aos Saltiadores: pois havendo quantidade extraordinária de mandioca no carão, ellas a arrancão, moem sobre pedras, expremem a massa em um pano, e depois deitando a em formas, ou vasilhas de barro sobre o fogo, e mexendo-a aprontam a farinha da qual remeto a Vossa Senhoria essa amostra, que o dito capitão presenciou fazer. Não tenho dado rações a essas desgraças a pesar de comover o seu estado; porque entendo ser mal entendida caridade consumir com inimigos os nossos gêneros. A negra preza, declara ser escrava de Francisco de Borja Buarque, morador em Pernambuco; servia a Vicente de Paula, o qual está agora em Poço-preto entre Baixa-seca, Duas bocas, e Pacas, ficando alí só com quatro homens de sua guarda: Vossa Senhoria pode tirar desta escrava esclarecimentos necessários, e por isso a remeto para interrogar: ella dirá como os inimigos passaria em Massiapinho ao pé de Baixa-seca, caminhando por dentro do riacho para não deixarem pegadas: dirá as munições que tem os inimigos, d'onde lhes vem gado e etc...(DIÁRIO DE PERNAMBUCO 7 de maio de 1834).

Olhar as mulheres nesse conflito cabano apenas da forma pela qual elas foram representadas em documentos oficiais e na imprensa formal é esquecer que os discursos nunca são neutros ou isentos. Resulta daí uma difícil operação historiográfica, pois, ao nos depararmos com essas fontes contendo escassas informações advinda da população mais empobrecida deste conflito, se faz ainda mais escassa com relação as mulheres, que na sua maioria realizavam trabalhos informais sem nenhum vínculo que lhes atribuísse direitos, portanto, quase sem registros.

No discurso fica visível a associação de adjetivos ou palavras compostas ao gênero feminino de modo a persuadir o leitor a não observar o equívoco entre o que está

explícito e o implícito. A frequência com que a palavra mulher aparece no relato já denota a sua importância no cotidiano e no universo da guerra. No primeiro parágrafo o comandante diz ter encontrado dez cabanos e 56 mulheres e meninos. Veja que no discurso existem os que são cabanos e o que são mulheres, denotando já uma separação entre força e fragilidade. Poderia ter incluído no discurso que encontrou 66 cabanos entre homens, meninos e mulheres. É uma forma de desassociar, criar uma fronteira entre a mulher e seu próprio mundo cabano. O homem é cabano, portanto ele é um guerreiro, já a mulher figura frágil e sem importância. O Capitão em seu relatório diz que apesar de consternado por encontrar mulheres doentes, reduzidas a esqueletos apresentando caracteres da fome e que algumas faleceram de pura miséria, não dividiria ração com o inimigo. Tal discurso não carrega um traço sequer de empatia para com essas mulheres que são adjetivadas por ele de desgraça. Morrem quinze homens e uma mulher, pressupomos que essa mulher seja do grupo armado, portanto morreu em combate. O comandante prende cinco papa-méis e uma negra. Em toda historiografia sobre a Guerra dos Cabanos, os negros papa-méis são apresentados como conhecedores de táticas de guerra e se constituíam homens de grande resistência. Esta mulher negra, presa, é enviada ao comando geral para ser interrogada, porque segundo nos fala a escrita, “ela sabia demais”, além de servir ao Vicente de Paula, nada mais que o temido e procurado líder da Guerra dos Cabanos. Ao dizer que essa mulher negra servia ao líder cabano, é como se ela fosse subserviente, submetida a ele. O que podemos inferir é que essa mulher possuía uma função, prestava um serviço a causa e sabia demais. Pressupomos que essa mulher não tenha dado as informações que lhes pedia por fidelidade a causa cabana e por esse motivo foi levada a prisão para ser interrogada, portanto ela representava uma resistência feminina. Um terceiro ponto onde fica evidente que as mulheres possuíam um papel essencial na guerra, está na suposta organização social, onde algumas combatiam enquanto outras trabalhavam nos roçados e ainda as que trabalhavam na fabricação de farinha. Muitas vezes, como mostra a escrita, utilizando-se de uma técnica artesanal, um fazer cultural apreendido dos que as antecederam, já que as casas de farinha estavam sendo destruídas pelas tropas exploradoras.

O fato de considerar que no texto do ofício, escrito pelo comandante da expedição exploradora, as mulheres são estigmatizadas como derrotadas ou inofensivas, está amplamente compensado pelo conjunto de informações deixadas pelo sujeito que escreve. Tal discurso não impede uma interpretação que nos leva a participação efetiva das mulheres no cotidiano da guerra, afinal encontra-se cheio de brechas e de contradições. Adiante o comandante descreve que no dia quatro do corrente mês, seis mulheres, quatro meninos, uma preta velha, uma parda velha, outra de menor idade e um moleque se apresentaram em Porto de Pedras dizendo que os cabanos estavam na outra extremidade. Primeiramente é pertinente observar como essas mulheres são desclassificadas conforme a escrita: (seis mulheres, uma preta velha, uma parda velha, uma negra e uma de menor idade), evidenciando na escrita mais uma vez um estereótipo de fragilidade com que as mulheres eram tratadas, principalmente as negras e as mais velhas. Portanto, os oficiais pareciam não perceber a sagacidade dessas mulheres em produzir informações falsas para acobertar os cabanos. Sua força está implícita nos relatórios e documentos analisados.

O cotidiano da Guerra dos Cabanos por si só carrega uma força e uma marca no processo feminino de resistência. As mulheres foram responsáveis, pelos roçados que garantia a subsistência de todo o povo cabano, as mulheres fabricavam a farinha que culturalmente e historicamente constitui-se como um alimento de sustentação e força, aliada ao peixe, a caça, ou às frutas silvestres, alimentos segundo os relatos historiográficos, muito utilizados pelo povo das matas, pois, lhes garantia a subsistência. Não busco mulheres heroínas, mas evidências sobre suas presenças nos arranjos do cotidiano cabano, para que possamos ressaltar essas mulheres e suas vivências dentro de um polígono de extrema violência e o modo como teceram as diversas formas para sobreviverem. Essas mulheres teceram, com criatividade, o enfrentamento as adversidades e ao medo, criando uma relação social do trabalho de forma organizada entre si, para garantir a subsistência não apenas de suas filhas e filhos, mas para manter vivas as guerreiras e guerreiros que sobreviviam aos ataques simultâneos e constantes, realizados pela Força Nacional, aos Cabanos. Esses ataques são descritos em jornais da época, especialmente no ano de 1834, quando os ataques se intensificaram.

O que podemos verificar a partir dessas fontes é que para pensar as mulheres nesse conflito armado, precisamos dispensar uma grande carga de preconceitos concebidos nelas, ou iremos naturalizar os discursos oficiais que as descrevem como animais domesticados, assustados, atocaiados e sem expressão. Se embrenharmos por este caminho, sem uma visão crítica sobre as fontes, iremos apenas reproduzir os mesmos estereótipos contidos nela. A Guerra dos Cabanos foi um dos eventos mais sangrentos e cruéis contra o povo do campo, entre as províncias de Alagoas e Pernambuco durante o século XIX. Para enxergar as mulheres na escrita dos manuscritos bem como nas publicações dos periódicos da época, precisamos observar as entrelinhas e observar por onde essa notícia se expressa, quem são os interlocutores e quais os interesses que estão intrínsecos ali.

Luciano Figueiredo (2013), historiador da Universidade Federal Fluminense em seu estudo sobre a mulher mineira no século XVIII, nos revela na trajetória das mulheres, aspectos extremamente importantes que por muito tempo ficaram ocultos e retifica também a sólida e consistente visão masculina na história onde as mulheres aparecem em papéis secundários de forma a reforçar os valores femininos da subordinação social:

Os caminhos da história da mulher, não se contam de modo claro e definido. São percursos sinuosos, intrincados, ao longo dos quais o historiador precisa dispensar cargas de muito preconceito presente nas fontes, desconfiar das suas lacunas, duvidar de suas verdades. (FIGUEIREDO, 2013, p.142).

Com relação ao segmento feminino, tais periódicos afirmam sua intenção maliciosa e vorás de apagamento da importante participação da mulher nas ações e transformações da ordem social e cultural no cotidiano da guerra. Num ofício datado de nove de maio de 1834 o coronel Joaquim José Luiz de Souza decreta a expulsão das mulheres cabanas do espaço poligonal de repressão, conduzindo-as para um lugar distante e assim não colaborar com seus pares (LINDOSO, 2005). O que podemos observar nesse decreto, é que a presença feminina lhes causavam dores de cabeça, elas estavam por todos os lados, atuando na retaguarda, cuidando dos feridos, reabastecendo os cartuchos das armas, cuidando dos roçados entre outras atividades que se encontram implícitas nos manuscritos. Os trabalhos nas lavouras, em sua maioria, eram realizados

por mulheres, as quais “tinham sempre uma arma ao alcance da mão” (FREITAS, 1978, p. 114.). Ambos os relatos historiográficos, expressam formas de participação e resistência, onde a imagem feminina aparece como sujeito histórico se utilizando de estratégia para não serem encontradas ou não serem surpreendidas pelas tropas militares.

Em um ofício datado de 12 de agosto de 1834, (Diário da Administração Pública de Pernambuco), assinado pelo Capitão José Alves, diz que uma mulher cabana, viúva de nome Maria de Jesus, com seus quatro filhos, Maria, Josefa, Joaquim e Manoel foram até a delegacia local para reclamar a morte de seu marido. Segundo ela, seu marido de nome José Francisco, tinha sido preso pela partida exploradora e que esse morreu na prisão. Maria de Jesus é um exemplo de resistência feminina na Guerra dos Cabanos encontrada nos manuscritos recentes.

Pelos relatos encontrados até o momento, podemos inferir que o conflito cabano tenha provocado marcas profundas na vida dessas mulheres tanto pela violência e também pelos constrangimentos sociais e morais ditados pela dominação do poder político e das elites agrárias durante uma conjuntura de ascendência de grandes proprietários do setor rural.

As culturas das camadas mais empobrecidas da sociedade costumam criar e preservar visões alternativas em seu cotidiano e isso ocorre com relação as suas crenças, seus direitos e responsabilidades. São regras construídas de forma criativa de acordo com peculiaridades próprias da resistência. Maria Odila Leite da Silva Dias (2001) percebe o cotidiano das mulheres como “área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, onde se multiplicam formas peculiares de resistência” (SILVIA DIAS, 2001).

Orlandi (2007) em *As Formas Do Silêncio: O movimento dos sentidos*, ao refletir sobre o significado das margens, diz que no silêncio se constitui possibilidades, porque quanto mais falta, mas possibilidades de sentidos existem. Deste modo, o silêncio quanto às mulheres na historiografia, especialmente as mulheres cabanas alude ao pensamento de Orlandi no que se refere ao excesso de linguagem para justificar uma sociedade masculinizante onde a mulher nos parece figurantes e não protagonistas.

Esse universo social e cultural onde viveram e lutaram pela terra e pela liberdade, as mulheres cabanas teceram uma rede de relações bastante complexas o que já podemos observar nos primeiros manuscritos encontrados e pelas informações trazidas nos escritos historiográficos. Mas como bem observa Mary Del Priore (2013):

Ainda faltam mais historiadores, homens e mulheres, que interpretem com maior frequência o estabelecimento, a gênese e a importância dos fatos históricos que envolvem as mulheres; faltam mais pesquisas regionais ou sínteses que nos permitam resgata-los de regiões do país onde o tema ainda não despertou vocações (DEL PRIORE, 2013, p. 09).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as mulheres apareçam frequentemente nas fontes documentais como passivas na guerra, não devemos nos cegar quanto à escrita oficial daquele momento e as lacunas deixadas pelo mesmo. Nos primeiros documentos encontrados para essa pesquisa percebemos a pouca importância atribuída as mulheres, e assim, elas possivelmente, se constituíam como um elo essencial entre os guerrilheiros, cuidando da manutenção dos roçados garantindo alimentação para sobrevivência e continuidade das ações, transitando nas matas levando informações, cuidando dos feridos e quando precisavam, seguiam para os campos de batalhas acompanhando seus pares. Entende-se que é praticamente impossível que a mulher, tendo estado o tempo todo com seus pares, filhos e familiares embrenhadas nas matas, sofrendo as repressões e incursões militares, naqueles tempos de guerra, tenham estado de maneira passiva. Com o andamento do conflito, podemos perceber, a partir das novas fontes documentais, que o método de extrema violência contra a mulher vai evidenciando a não passividade dessas mulheres, mas sim mulheres guerreiras e combatentes, que resistiam, não se rendiam nem denunciavam seus pares. A mulher no contexto histórico sempre é um enigma a ser interpretado para que possamos trazer a tona, o que fica oculto, obscurecido nas entrelinhas documentais. Estamos refletindo sobre as possibilidades de vida dessas mulheres que vivenciaram a Guerra dos Cabanos, que estiveram do lado oposto do poder político, expostas as adversidades, ao temos, o isolamento nas matas. Temor da

morte, da violência, da fome, das perdas, da repressão, vivendo em posição marginal. Este reduto cabano, situado nas matas entre as províncias de Alagoas e Pernambuco, configurava-se como moradia habitual dessas mulheres. Portanto, devemos ressaltar que o universo feminino possui suas particularidades e foi nesse universo que as mulheres cabanas souberam criar formas de resistências, lutando e sobrevivendo a dominação que não privilegiou as vozes da diversidade.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Sávio. **Memorial Biográfico de Vicente de Paula: Capitão de todas as matas.** Maceió: Edufal, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70 Ltda., 2011.

DE ANDRADE, Manoel Correia: **A Guerra dos Cabanos:** Recife: UFPE, 2005.

DEL PRIORI, Mary: **Magia e Medicina na Colônia: O corpo feminino:** In: DEL PRIORI, Mary (Org.) **História Das Mulheres No Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.

FREITAS, Décio. **Os guerrilheiros do Imperador.** Rio de Janeiro: Biblioteca de História, 1978.

FIGUEIREDO, Luciano. “Mulheres Nas Minas Gerais” In: DEL PRIORI, Mary (org) **História das Mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raizes de um paradigma indiciário:** In: **Mitos, embremas e sinais.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LINDOSO, Dirceu. **A Razão Quilombola: Estudos em torno do conceito quilombola de nação etnográfica.** Maceió: Edufal, 2011.

_____. **A Utopia Armada: Rebelião de pobres nas matas do tombo real.** Maceió: Edufal, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: No movimento dos sentidos.** Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SILVA DIAS, Maria Odila Leite da. **Quotidiano e Poder no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019